

ORLANDO VILLAS BÔAS
CLÁUDIO VILLAS BÔAS

A Marcha para o Oeste

A epopeia da Expedição Roncador-Xingu



Copyright © 2012 by Marina Lopes de Lima Villas Bôas, Noel Villas Bôas,
Orlando Villas Bôas Filho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Fabio Uehara

Imagens de capa

Jean Manzon/ Cepar Consultoria e Participações;

Arquivo Guilherme de La Penha/ MPEG – Arquivo Eduardo Galvão

Coordenação editorial

Página Viva

Cadernos de fotos

Rita da Costa Aguiar

Mapa

Luiz Fernando Martini

Edição de texto

Sergio de Souza

Preparação

Luciane Helena Gomide

Revisão

Christian Botelho Borges

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Villas Bôas, Orlando, 1914-2002.

A Marcha para o Oeste : a epopeia da Expedição Roncador-
-Xingu / Orlando Villas Bôas, Cláudio Villas Bôas. – São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-1929-5

1. Diários 2. Expedição Roncador - Xingu, 1943-1944
3. Indigenistas - Brasil 4. Parque Indígena do Xingu (Brasil) - História
5. Sertanistas - Brasil 6. Villas Bôas, Cláudio, 1918-1998 7. Villas Bôas,
Leonardo, 1920-1962 8. Villas Bôas, Orlando, 1914-2002 I. Cláudio,
Villas Bôas. II. Título.

12-02323

CDD-918.17

Índice para catálogo sistemático:

1. Expedição Roncador - Xingu : Brasil : Diários de viagens 918.17

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

APRESENTAÇÕES

Aos nobres ideais, <i>Antonio Houaiss</i>	9
Os irmãos Villas Bôas, <i>Darcy Ribeiro</i>	11
A doce república do Tuatuari, <i>Antonio Callado</i>	13
Como vais, Xingu? <i>Maureen Bisilliat</i>	15

PREFÁCIO

Uma viagem ao Brasil profundo, <i>João Pacheco de Oliveira</i>	17
--	----

OS ANTECEDENTES

1. A Marcha para o Oeste	33
2. Brasil Central — O Grande Sertão.....	52
3. Os sertanejos do Brasil Central	56

O DIÁRIO DA EXPEDIÇÃO

4. Rio das Mortes-Roncador-Kuluene	65
5. O primeiro encontro com os índios.....	87
6. A primeira chuva	104
7. Kuluene-Xingu.....	225
8. Cachimbo-Creputiá	553

ATRAÇÃO DE TRIBOS, BRASIL CENTRAL, ARAGUAIA, IMPRENSA
E PARQUE NACIONAL DO XINGU

9. A atração dos txucarramãe.....	575
10. A atração dos txicão.....	596
11. A atração dos krinkatire (suyá).....	611
12. Brasil Central — Um mundo sem história	616
13. A imprensa no Brasil Central	618
14. Araguaia, rio dos karajá e dos mariscadores	620
15. Parque Nacional do Xingu	627

HOMENAGENS	629
------------------	-----

POSFÁCIO

Os Villas Bôas e o Xingu: contatos, contribuições e controvérsias, <i>John Hemming</i>	631
---	-----

OS ANTECEDENTES

1. A Marcha para o Oeste

Desde o início do século, ou talvez desde a proclamação da República, o governo e a sociedade brasileira vinham (mais o governo que a sociedade) defendendo a mudança da capital do país para o interior. Não se falava em interiorização como movimento expansionista, mas em tirar a capital da beira do mar, por questão de segurança.

Com a Primeira Grande Guerra, a ideia ganhou corpo. Tanto assim que companhias imobiliárias, nos anos 1920, mal terminada a guerra, vendiam lotes de terras no Brasil Central, para onde seria levada a capital. Curioso é que essas áreas loteadas eram exatamente as mesmas onde hoje se ergue Brasília.

Antes mesmo do fim da década de 1920, porém, deixou-se de lado o assunto. Foi longo o período de esquecimento. Só na Segunda Guerra é que voltaria a ser lembrada a tese da mudança. Mas dessa vez o assunto não ficou circunscrito à simples transferência da capital — a mudança expressava a exigência natural de uma sociedade em franca explosão demográfica. Estávamos deixando de ser uma nação litorânea. Contudo, para que a interiorização se tornasse realidade, era preciso que o movimento fosse liderado pelo próprio governo, e foi o que aconteceu, tendo como ponto de partida a *Marcha para o Oeste*.

Não fosse a guerra no mundo, e o consequente estado de guerra no Brasil,

a Marcha teria tido outra amplitude em termos de divulgação. A guerra absorvia recursos, noticiário e tudo o mais.

Em 1943, os nossos quarenta e tantos milhões de habitantes viviam praticamente na faixa litorânea. A Amazônia era um mundo remoto, e o Brasil Central, como dizia o jornalista Jorge Ferreira, parecia “mais distante que a África”. A faixa-limite do conhecimento civilizado morria ali mesmo no Araguaia. E a Segunda Guerra, com a sua tônica do espaço vital, serviria para trazer à nossa visão a imensa carta geográfica brasileira, com suas não menos imensas manchas brancas. Nascia, assim, em plena guerra, um impulso expansionista, desta feita alentado pelo próprio Estado. Dois organismos foram criados pelo governo: o primeiro, a Expedição Roncador-Xingu (ERX), com a atribuição específica de entrar em contato com os “brancos” das nossas cartas geográficas; o segundo, a Fundação Brasil Central (FBC), com a função definida de implantar núcleos populacionais nos pontos ideais marcados pela Expedição. O primeiro órgão era, assim, a vanguarda do segundo.

A guerra limitava os dispêndios da empreitada, mas mesmo assim a Marcha para o Oeste começou a acontecer. Uberlândia, a bela e rica cidade do Triângulo Mineiro, era a boca do sertão. Dali para o oeste, uma estradinha precária aceitava e castigava a trôpega jardineira que sumia sertão adentro no rumo do distante Araguaia.

Para dirigir os primeiros passos na concretização da Marcha, o presidente da República, Getúlio Vargas, designou o ministro João Alberto Lins de Barros, da Coordenação e Mobilização Econômica — órgão criado por ocasião da Segunda Guerra. Ficaria a seu cargo, além da estruturação das duas entidades recém-criadas, providenciar os estatutos, estipular as dotações necessárias, instalar sedes, ajustar gente e tudo o mais que fosse indispensável para o funcionamento de ambas. Havia ainda a recomendação taxativa para que fosse cauteloso nos gastos, de forma a não pesarem no erário. Tanto assim que sua excelência sugeriu uma campanha de doações, lembrando que São Paulo seria, como sempre foi, uma excelente praça para o movimento.

DOAÇÕES DE SÃO PAULO

São Paulo foi visitada pelo ministro João Alberto, acompanhado do tenente-coronel Flaviano de Mattos Vanique, chefe da guarda pessoal do presidente da

República e que, por indicação do próprio presidente, fora convidado a chefiar a Expedição. Inicialmente o chefe da guarda relutou em aceitar o convite. O ministro conseguiu convencê-lo. Falava-se no palácio que já havia algum tempo o presidente desejava afastá-lo daquele cargo. As más-línguas iam mais longe: diziam que o Brasil avançou para o oeste só para que o presidente pudesse se livrar de um incômodo no Catete.

Em São Paulo, o ministro e o chefe da guarda tiveram boa recepção e farta doação. Sinhá Junqueira, dona de um império agrícola em Ribeirão Preto, doou noventa mil litros de álcool-motor (na falta de gasolina, um combustível que concorria com o terrível gasogênio); a São Paulo Alpargatas deu dois mil metros de lona; a Cia. Antarctica cedeu, para manter o alto ânimo expedicionário, alguns milhares de litros de “incentivo”; a Armour e a Swift doaram perto de trinta mil galões de *corned-beef*; e, ainda, as senhoras paulistas bordaram a ouro uma bandeira brasileira que acompanharia a vanguarda da Expedição — o dr. Goffredo da Silva Telles, intelectual paulista, fez a entrega da bandeira, proferindo na ocasião uma magnífica oração.

O VAGÃO QUEIMADO

Só faltava o transporte. As companhias de estrada de ferro Paulista e Mogiana se encarregaram de levar, cada uma em seu trecho, toda a carga até Uberlândia. Dali em diante a carga seguiria em caminhões, numa precária estrada de terra. Alguma coisa, porém, havia de acontecer para ofuscar tanta beleza e, também, testar a fibra expedicionária. E aconteceu o incêndio de um dos vagões. O pior é que, a partir do acidente, tudo o que fosse procurado e não encontrado era jogado pra cima do vagão queimado. Nunca se supôs que um vagão pudesse transportar tanto!!!

CONVITE A PAULISTAS E CARIOCAS

Ainda em São Paulo, o chefe da Expedição convidou alguns paulistas que já conheciam o Araguaia a participar da entrada. Começava assim a formar-se o primeiro escalão da Expedição.

No Rio, o Ministério da Aeronáutica cederia, para atender a recém-criada Fundação Brasil Central, o capitão Antônio Eugênio Basílio, juntamente com um avião Focke-Wulf. Pelo seu espírito dinâmico, o capitão Basílio em pouco tempo era o braço direito do ministro João Alberto. Disposto, decidido, ágil nas resoluções, o capitão tornou-se imprescindível naquela fase da Fundação e Expedição.

Alguns médicos cariocas foram também convidados a tomar parte na avançada para o oeste. O dr. Darcílio Vahia de Abreu foi o primeiro a se engajar. Tarimbado nos prontos-socorros do Rio, onde tinha fama de bom bisturi, o dr. Vahia antevia hérnias e apêndices à sua espera. Outra excelente aquisição foi o dr. Alcides Estilac Leal, pediatra, presença imprescindível — aquela parte do Brasil Central jamais vira um doutor de criança. Outro pediatra, dr. Pinto Duarte, e esposa, também não foi difícil conquistar.

O grupo de médicos foi ainda reforçado pelo dr. Vicente Lins de Barros, irmão do ministro João Alberto. Baixinho, magro, irrequieto, atencioso, dr. Vicente tinha como grande amor a sua Copacabana. Na mata, quando mais tarde bateria a nostalgia, o nosso doutor, de cabeça pendida, quase lacrimejando e falando rouco, iria reviver em voz alta a paixão pela sua praia querida. Um dia, passados uns quatro meses de Expedição, confessou que não conseguia viver longe do Rio. E lá se foi o bom dr. Vicente, que nunca mais foi visto longe do Rio de Janeiro.

Outros médicos ainda prestaram excelentes serviços à Fundação: dr. Lemos Bastos, dr. Cabral, dr. Loureiro Maior e outros de passagem mais rápida.

Com a saída do coronel Vanique da guarda presidencial, uns quatro ou cinco dos seus comandados resolveram acompanhá-lo. Viam eles com certa reserva o novo chefe, Gregório Fortunato, cria dos pagos dos Vargas lá no Sul. Para que não perdessem os empregos que ocupavam na guarda, foram requisitados para a Expedição. Malas prontas, lá se foram de ônibus e trem até Uberlândia e dali, numa velha jardineira da Fundação, até a Barra Goiana, no Araguaia. A viagem dos “seguranças” não foi nada pacata. Na passagem pela cidade de Rio Verde, Goiás, fizeram muita desordem, porque sabiam estar, como realmente aconteceu, acima de punições. Em Caiapônia, cidade mais adiante, marcaram a passagem prendendo o delegado no xadrez. Para libertá-lo foi preciso buscar um serralheiro da cidade vizinha, porque os “visitantes” haviam jogado fora a chave da cela. Felizmente, a se-

leta guarda não esquentou lugar. Assim que vislumbraram o término dos “incentivos” doados pela Cia. Antarctica, tocaram eles de volta para suas que-
rências à beira-mar.

AMIGOS DO RIO GRANDE E O CAÇADOR REIS

Retornando a calma, decorridos os atabalhoados primeiros dias do movimento, o chefe da Expedição, coronel Vanique, voltou as atenções para o seu Rio Grande distante e vieram-lhe à cabeça figuras de sua confiança que, claro, podiam ser úteis na empreitada. Para assumir a secretaria da Expedição foi convocado Alexandrino Borba Filho, membro de ilustre família gaúcha; Ruy Monteiro deixou a sua querida Santo Ângelo e passou a tomar conta das chaves do almoxarifado, o órgão vital da Expedição; um outro, chamado Ney, veio para ser o responsável pelas viaturas existentes e as que viessem a engrossar o patrimônio da entidade. Contudo, a figura que ao chefe parecia indispensável era a de um velho companheiro de caçadas de patos e marrecões nos banhados e descampados sulinos.

A Expedição, pensava o coronel, havia de ser uma valente devoradora de caça. Daí o acerto do convite. Viria o mestre de campo com a mais louvável das intenções: alimentar a quase com certeza esfaimada Expedição com tenras perdizes e marrecões na manteiga (o pato no tucupi não era conhecido dos cucas sulinos). Poderiam as antas, porcos-do-mato, capivaras, veados e tatus campear pelas matas, cerrados e espraçados, que contra eles não se dispararia um único tiro. Infelizes, porém, dos marrecos, patos e perdizes do mundo bruto a desbravar! A sentença sobre eles havia sido lavrada, e os seus algozes surgiam na forma de um alentado gaúcho com enormes bombachas e meia dúzia de cachorrões comilões que aguardavam, primeiro o transporte, e mais tarde a ordem de ataque. Enquanto isso não acontecia, atacavam eles a cara marmita da pensão. Major Reis, o caçador pestanudo, desempenado, dono de imensa simpatia, era também um grande contador de casos:

— Certa feita — conta ele —, num caminho da mata encontrei uma onça mal-encarada, com ar agressivo. Tirei calmamente do ombro a minha 12, carreguei, apontei...

Nesse momento surge um meninote e grita:

— Seu major, o ministro tá chamando.
Logo depois volta o caçador e, distraidamente, continua:
— ... puxei o gatilho... foi pena pra todo lado...

LEOPOLDINA OU BARRA DO GARÇAS

Os planos da Expedição, traçados no Rio de Janeiro, falavam em Goiás Velho — antiga capital do Estado — como porta de entrada para o sertão. Daí o Araguaia seria alcançado por uma estrada precária, arenosa, que saindo da capital ia esbarrar em Leopoldina, na margem do rio. O traçado não era do agrado do governador Pedro Ludovico, que não queria que a área da capital velha fosse prestigiada por uma frente de trabalho ligada ao governo federal. Aquilo era reduto dos Caiado, seus opositores políticos de grande força, com quem não afinava desde a mudança da capital. Jogou todos os trunfos o governador e, prestigiado pelo governo federal, conseguiu mudar o traçado do avançamento. Em vez de ser Goiás Velho a porta de entrada para o Araguaia, ele propôs Uberlândia, embora fora do seu Estado. O Araguaia, pela nova rota, seria alcançado na junção com seu maior afluente, o rio das Garças. Ali iria se estabelecer a base da Expedição, que ficaria na margem goiana, defronte à foz do tributário.

A LIGAÇÃO COM GOIÁS

Na passagem por Goiânia, Vanique, o chefe da Expedição, pôde rever o seu compadre dr. Acary Passos de Oliveira, funcionário-jurídico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriados (IAPI) e auxiliar imediato do coronel nas ligações com o governo do Estado. Nessa ocasião ficou mais ou menos ajustado, segundo se comentava, que a Expedição teria o concurso do Estado, com a presença de um grupo militar da polícia goiana, comandado por um major, compondo a vanguarda. Uma vanguarda militar numa área indígena não tinha outra significação senão a de “limpar o caminho”. Já se falava na presença dos xavante do outro lado do rio das Mortes. A ideia da coluna militar, recebida com muitas reservas, não demorou a chegar aos ouvidos do ma-

rechal Rondon. Incontinentemente, o marechal convocou o ministro João Alberto, e o plano foi imediatamente cancelado. A “desistência” militar não foi muito bem aceita por pessoas da direção, mesmo porque colunas de fumaça já estavam sendo vistas lá pelos lados da serra do Roncador.

A PRIMEIRA BASE DA EXPEDIÇÃO

Barra Goiana, à margem direita do Araguaia, fronteava com a sua irmã cuiabana do outro lado do rio, bem na foz do tributário Garças. A Expedição começou a sentar base na primeira, e surgiam as construções para atender os serviços: administração, almoxarifado, ambulatório, escritório, alojamentos, moradias. Mais uma olaria e uma serraria, obras imprescindíveis.

A base, que ia tornar-se permanente, vivia praticamente em torno dos trabalhos de instalação. Correram seis meses até a partida do primeiro escalão da Expedição, e esse meio marasmo arrefecia o ânimo expedicionário. O chefe, Vanique, dividia o seu tempo entre o Rio de Janeiro e o sertão. Mas o acampamento não deixava de estar movimentado. Na verdade, mais parecia um acampamento cigano: aqueles vindos da cidade grande para participar da coluna desbravadora, geralmente barbudos, desajeitadamente calçados com enormes botas, trazendo de um lado da cintura enormes revólveres e do outro largos facões, pisavam a macega, tomavam cachaça, cantavam de noite e brigavam de dia, tudo numa agitação de vésperas de batalha. Os sertanejos, por seu lado, riam escondido de tanto desajeito.

O REGRESSO DOS PAULISTAS

A instalação da base, no ver dos paulistas, não era uma boa justificativa para retardar, como estava acontecendo, a movimentação da vanguarda. Por isso, Francisco Brasileiro (Chicão) e Inácio da Silva Telles, líderes do grupo paulista, tomaram a iniciativa de fazer uma exploração além-Araguaia. Na exploração, chegaram ao Bico da Serra Azul, mais ou menos a setenta quilômetros do ponto de partida. Na volta, os dois sertanistas fizeram um minucioso relatório ao ministro João Alberto, apresentando um plano para o avançamen-

to da vanguarda. Pediam plena autonomia e propunham levar uma picada até Santarém, foz do Tapajós com o Amazonas, numa distância de dois a três mil quilômetros, em pouco mais ou pouco menos de dez meses(!). Claro que alguma coisa estava acontecendo. Ou superestimaram a velocidade de um “pique”, ou estavam provocando — e acabou acontecendo uma cisão na cúpula do comando expedicionário. O ministro não aceitou a proposta. Além de julgar impossível vencer tanto espaço em tão pouco tempo, achou que os sertanistas esqueceram de levar em conta o regime das águas (chuvas) na região. A recusa do ministro resultou no regresso dos paulistas.

O PRIMEIRO ESCALÃO

Entretanto, de alguma coisa valeu a reação dos paulistas. O marasmo foi quebrado, começou-se a pensar na movimentação da vanguarda, e uma leve agitação sacudiu o acampamento. Os setenta quilômetros até o Bico da Serra Azul constituíam um bom começo, já que dali até o rio das Mortes (final da primeira etapa) a distância seria de outros setenta, mais ou menos.

As reais necessidades da avançada começaram a surgir: burros, apetrechos, gente habilitada etc. Contratar sertanejos, aliás, era a única solução. Um goiano gordo, forte, conhecedor de gentes e de burros, Vergílio Nascimento, nascido em Meia Ponte (depois Pirenópolis), ingressou na Expedição e foi logo de início, pela sua experiência, encarregado de comprar animais e aparelhar essa tropa que serviria à Expedição. Função árdua. Vergílio saiu por Goiás escolhendo animais, cangalhas, e ajustando gente prática para a dura missão de tropeiro.

Dos garimpos do Araguaia e Garças muita gente veio para a Expedição, trocando a bateia pela foice e o machado. Inicialmente receamos que essa gente viesse a dar trabalho, em razão da vida tumultuada do garimpo. Um ou outro, pelo gênio mais “expansivo”, foi posto de volta, mas a maioria se comportaria, nas horas mais difíceis — como nas escaramuças com os xavante e na escassez de alimentação —, de forma mais controlada. E não se há de esquecer que o garimpeiro é um “desafeto” natural do índio.

O primeiro escalão foi constituído de 23 homens, incluindo o chefe coronel Vanique e parte de seu estado-maior. Todos cavalgando e levando muares de carga e de reserva e, ainda, por garantia, uma “madrinha”. Algum tempo

antes, como parte do primeiro escalão, haviam partido duas colunas: uma, chefiada pelo dr. Alexandrino Borba Filho, à frente de seis companheiros; a outra com dez expedicionários, incluindo o chefe, major Reis — o caçador. As duas tinham missão definida: melhoria do caminho e instalação de postos em pontos estratégicos para descanso e reabastecimento da Expedição.

A terceira coluna, fechando o primeiro escalão e sob a chefia do chefe geral, no dia seguinte à partida chegou ao rancho do último morador da região. O caminho já aberto, apesar de alguns trechos difíceis, facilitou a avançada do grupo. Ali, aguardando a chegada do chefe grande, estava o major Reis com seu pessoal.

No dia seguinte, o grupo-chefe, agora com 33 homens, partiu rumo ao Bico da Serra Azul, aonde chegou à tardinha, lá encontrando o dr. Borba e sua turma. Estes haviam aberto um bom acampamento, com um rancho pequeno para estação de rádio e outros dois para cozinha e almoxarifado.

Reunido todo o primeiro escalão, quarenta homens, a Expedição alcançou o rio das Mortes, fim da primeira etapa, depois de 84 dias de avançada! Foram vencidos mais ou menos 150 quilômetros, e muito mais tempo teriam gasto não fosse os primeiros setenta já terem sido relativamente batidos pelo grupo paulista.

O SEGUNDO ESCALÃO

Foi organizado um segundo escalão, que, sob a chefia do dr. Acary, completou o trajeto em quinze dias, levando dois carroções com carga de ferramentas, víveres e medicamentos. Seguiam também 47 animais, inclusive doze bois. A viagem foi muito mais rápida, em virtude de o caminho já estar bem batido. Com a chegada do reforço representado por gente, ferramentas e víveres, o acampamento do rio das Mortes foi crescendo. O aglomerado de ranchos dava uma impressão de vila. Daí começou a nascer a ideia de um nome. O primeiro a surgir foi São Pedro do Rio das Mortes, sugestão, por certo, de algum devoto de São Pedro. Embora significativo, o nome não resistiu, talvez pelo tamanho. A fumaça do outro lado do rio, denunciando a presença dos xavante, acabou sendo o maior argumento para que a vila nascente se chamasse Xavantina. Era como se fosse um grito vindo dos xavante: “Estamos aqui!”.

Com a expansão de Xavantina, a carga armazenada em Aragarças começou a fazer falta. Mas de avião só poderia vir coisa de pouco peso e pouco volume. E o que ficara em Aragarças, além de utensílios como fogão, geladeira e querosene, camas, mesas e cadeiras, era carga ainda mais difícil, como cimento, ferro para construção, madeira serrada, canos e, para completar, um caminhão de tamanho médio que fazia falta nos trabalhos de abertura do campo de pouso. A experiência do segundo escalão, que usara caminhão até a metade do caminho, deixando para os carroções e a tropa de burros o segundo trecho, não era aconselhável, porque as pequenas pontes e os precários mata-burros haviam cedido na passagem da caravana, sem falar nos atoleiros.

O NAUFRÁGIO DO SÃO FÉLIX

A navegação surgiu como única alternativa. Descer o Araguaia e subir o Mortes, centenas de léguas mais ou menos navegáveis. O primeiro barco a ser fretado foi o *São Félix*. Não foi respeitada a sua capacidade de doze toneladas, nem a altura da carga e muito menos os protestos do comandante e proprietário. No toldo e no convés empilharam camas e colchões, que, pela altura, punham em perigo o equilíbrio da embarcação. O dono do barco fez veemente reclamação, mas a autoridade “fretadora” não deu a menor importância. A noitinha estava chegando quando o *São Félix* largou ferros no porto de cima para pernoitar no porto de baixo. A saída foi suave, apesar dos galeios provocados pela carga alta. Oitocentos metros abaixo, no ponto em que o Araguaia recebe as águas do Garças, o barco foi embicado para o porto. A manobra foi correta, suave numa volta larga, mas as águas apressadas do Garças não perdoaram aquela coisa oscilante e a puseram ao fundo. O lastro era tão pesado que nunca mais foi encontrado. Tudo foi perdido, e um marinheiro que estava junto à carga ficou preso por ela e morreu. O naufrágio, a morte e as suas causas foram logo esquecidos, a carga não. Essa continuou a ser chorada.